

DTLLC/ FFLCH/USP

PROJETO A VOZ DO ESCRITOR (1 de junho de 2017)

Poemas de Fabio Weintraub

ESTILO

I.

a maneira pela qual
você faz
uma coisa
é a maneira
pela qual
faz todas as coisas

você lava o carro
do mesmo jeito que
corta o cabelo
anda a cavalo
cria seus filhos

depois dos filhos
todo o resto
fica (muito) fácil

II.

é como pescar
ou caçar passarinhos

você cava um buraco
na parede
e espera
que alguém
ou alguma coisa
cave de volta
em sua direção

III.

como faço
para ter uma voz
assim grave?

grito com a cara no travesseiro
grito com meus filhos

GERENCIAMENTO ANTIESTRESSE

imagine um córrego
há pássaros cantando
e o vento fresco da montanha
no céu de um azul limpíssimo

aqui nada pode aborrecê-lo
ninguém alcança esse lugar secreto
sem passagem para o mundo

a queda d'água
enche o ar de sons gentis
a água é transparência absoluta

agora, sim, pode-se ver o rosto
daquele cuja cabeça
você comprime sob a água

NÁUFRAGO

até debaixo d'água!
sou homem até debaixo d'água!
grita o vulto enrolado
em feltro e revolta
papelão e delírio
no canteiro central da avenida

a que água se referia?
quem o obrigara a andar sobre a prancha?
por quanto tempo já
brigava com a onda
de carro e fuligem?

o náufrago se aferra
aos tesouros da hombridade
sem arca, sem mapa
nem garrafa que conduza
até a ilha mais próxima
sua palavra afogada

até debaixo d'água...
o braço débil
hasteia o único gesto
mas não comove o tráfego
afeito a acidentes dessa sorte

seja homem ou não
este que afunda ou deriva
ninguém tem nada com isso

nem mesmo este poema:

ramo que falta no bico
da pomba que não regressa
sinal de terra prometida
e sonegada

PEITO

em decúbito dorsal
no meio dos camelôs
às duas da tarde
o aleijão

vejo o tórax deformado
o rosto muito vermelho
olhando o céu punitivo

altíssimo o esterno
e deslocado à esquerda
o que fazia pensar
no espaço de órgãos internos
como pulmões, coração
seguindo o peito em ogiva

mas a chuva que despenca
interrompe a conjectura

calças, meias, guarda-chuvas
pilhas, tênis e bermudas
o cabelo dos passantes
mais o tórax do aleijão
tudo lavado na mesma água
que os molha sem os relacionar

HIBISCO

na rua a flor amassada
parece um naco de carne
que os cachorros desprezam

confusão de vermelhos
raiados de branco
qual paz ou gordura
fechando o canal

um naco de carne
impróprio a vaso ou canteiro
despojo que as pombas não bicam
e a chuva não apodrece

DOMINGO

tenho uma bicicleta e dois vestidos

a cada cinco domingos
ganho um dia livre
saio pra dançar

hoje não
meu sorriso tá pequeno
molhei o sapato

às vezes pego filho
me dou mal fico má
caio no mundo

casei separei
casei de novo
não deu certo

cansei
já não quero compromisso
só mais um vestido
e um copo de vinho
para o próximo domingo

O QUARTO

feito alguém contra você
do outro lado da mesa

quando menos se espera
na fila do supermercado
some o carrinho de compras
a sala se enche de neblina

coisas pequenas aumentam
como ferida que volta
pelas costas

enquanto o retalham e costuram
sob o pretexto da cura
reformam seu escritório
mudam tudo de lugar

você retorna
vê tudo mexido
chega mesmo a pensar
se de fato não morreu

é assim que o quarto ficará
quando você se for

CASTANHO

depois da operação
minha letra continua bonita
já não encontro
na gola do pijama, na fronha
as mesmas manchas escuras
em compensação
o barbeiro não me cumprimenta mais
as pulgas desprezam meu cão

descubro com tristeza
que a faxineira da repartição
me chama de “meu lindo”
por pura formalidade

do outro lado da rua
os trens que passam
não sabem a cor do meu cabelo

A PARTE PODRE

no almoço do dia das mães
o excesso de alho inflama
o coração de louça da anciã

não há suvenires
nem sobremesa extra
para as visitas

ela diz que a maltratamos
que por causa do clima
da lua minguante
do fim da novela
da cor dos remédios
da hora do banho
do nome das ruas
nunca mais caminhará

*você partiu meu coração ao meio
então jogue fora a parte podre*

salivando à porta
dois cães esperam

O SACRIFÍCIO

por crueldade ou capricho
conservo este velho hábito:
recusar logo de cara
pra só depois consentir

assim tentando evitar
a decepção de mamãe
por minha ausência à mesa
papai apela:

imagine quanto sofrimento
Deus teria poupado a Abraão
se não esperasse
até o último instante
para desobrigá-lo
da morte de Isaac

mas, pai, logo replico
não posso quitar uma dívida
contraída em meu nome por terceiros

você invoca a história
equiparando-me a Deus
nesta trama entretanto
se tiver que ser alguém
serei apenas Isaac

MÃE

então me informaram
que os pertences da paciente
— um par de brincos mais um colar —
deveriam ser retirados
pois há quem se fira
ou fira os outros
em tal estado

minha mãe suplica:
precisa de talismãs
para passar a noite fora de casa
só assim ficará protegida
o Inimigo não a tocará

expliquei-lhes que não era caso
para um tal rigor
minha mãe não era disso
só estava muito triste
e confundida

a funcionária assentiu a contragosto

devolveram-lhe as bijuterias
assinei o termo de responsabilidade
e ainda pude ver os enfermeiros chegando
antes de ser forçado a sair

O CÉU QUE NOS PROTEGE

tira o penhoar e vem arrastar
os pés fora do quarto
parou de chover há pouco
o céu é sujo nas poças

a vizinha de andador
te aguarda no meio da quadra

com bico de papagaio
eternamente curvada
ela só sabe do céu
por caridade das poças

amanhã não caminharemos
fará frio ou calor
e fecharão a calçada
(da varanda contígua
alguém terá se atirado)

mas hoje é nosso o passeio
seguimos no arrasta-pés
lentos, desincorporados
entre estilhaços de céu

PRAZER

mesmo deste jeito
deitada de bruços
com a luz apagada
a salvo dos chamados
surda ao telefone
à campainha
insensível aos apelos e desvelos
dos que me cercam e alimentam
mesmo engolindo rápido
sem dentes
a refeição como quem
se livra de um compromisso
mesmo esquecendo
o nome do presidente
o dia da semana, o mês do ano
o nome do lugar
em que você trabalha
da rua onde eu moro
da moça que me ajuda
mesmo me libertando
das poucas obrigações
(esticar as pernas
escovar o cabelo
limpar a merda
que às vezes escapa
por causa do remédio novo
pra não perder a memória)
mesmo cada vez mais distante
da oportunidade
de transmitir um legado
a quem me assiste e sucede
nesta comédia cujo roteiro
é refeito a todo momento
por exigência
do desprezível público
que aplaude sem critério
e ri nos momentos mais pungentes
mesmo agora, aqui
fazendo essa pontinha
aguardando de novo
a minha deixa
mínima
antes que caia o pano
e no programa meu nome
seja corrigido
ainda assim, eu aqui
imóvel no escuro do escuro
com voz consumida

nisso tudo ainda sinto
um grande
enorme
prazer

PAI

desempregado há três anos
no país do futuro

batendo perna nas ruas
com o mostruário de meias

adivinhando
o signo da morena
o ascendente da loira

jogando xadrez
assobiando um samba
coleccionando borboletas
descobrimo a fórmula exata
da tinta para balão
(tinta que não racha
sobre a pele inflável)

contra as determinações médicas
filando cigarro
fazendo piada com a perna
que pode ser amputada
louvando as próteses modernas
dizendo que morre antes disso
que não vai dar trabalho
que some de casa
vai pro asilo

meu pai de novo ao volante
guiando o negro Landau

o velho e bom *batmóvel*
rodando sem freio ou cinto
o vento de Gotham no rosto
minha cabeça no banco de couro

meu pai cantando alto
limpo e bonito como só ele
numa estrada clara
sem pedágio ou limite
de felicidade

NA PADARIA

esfrega o rosto
a carne do rosto
cujos ossos recuaram
e as feições escorreram
bem antes dos dentes

esfrega com força
a máscara, o nariz molenga
disfarce para ninguém
prótese sem sopro

no balcão da padaria
toma café e esfrega
o rosto como quem desperta
sem perspectiva de beijo

os presentes nem reparam
nessa pasta facial
que ele amassa, sova, estica
sem fermento que a amplie
nem forno que a endureça
depois da pancadaria

PROMETEU

o fogo roubado
não é senão
a branquinha humilde:
brasa solitária
entre os carvões da vida

a ira divina
é pouco mais
que a recusa do garçom
em servir
a enésima dose
fiado

o castigo
este sim
tem a grandeza do mito:
a cirrose vulturina
com a família nas garras
da Providência

MASTER CHEF

*hipocondria absoluta:
a hipocondria tem de tornar-se uma arte
ou uma pedagogia*
Novalis

eu achava sangue
uma coisa fascinante

estava marcada
minha última operação
para a troca do quadril

queria levá-lo pra casa
em vez de abastecer
o banco de ossos do hospital

torrei o saco do cirurgião
ameacei mudar de médico
quem não chora não mama

quando acordei
a primeira coisa que vi
foi minha bisteca
e um bilhete de boa sorte

a carne soltou na fervura
provei um pedaço
joguei sal, alho, pimenta
abri uma taça de vinho
mandei ver

antropófago, não
só mastigo o que é meu
me considero mais
um gourmet da dor

QUANDO O AMOR RECUPERA A VISÃO

tão logo alguém se aproxima
joga-se no chão
finge ter sido espancado
roubado até o último vintém

se o ajudam a erguer-se
abraça a alma caridosa
esvaziando-lhe a bolsa

o maligno o arrasta
através do fogo
através do vau e do redemunho
do lamaçal e do charco
põe facas em seu travesseiro
ratoeiras em sua sopa

ele também
não faz por menos:
bebe pinga com o cachorro
joga dados viciados
cede o corpo a proxenetas

é fustigado nos albergues
nos hospitais públicos
e posto na rua a pontapés
quando o amor recupera a visão

Nota do autor

Os poemas que compõem esta breve antologia foram extraídos dos seguintes livros:

Novo endereço, 2ª edição (Havana/ Juiz de Fora/ São Paulo: Casa de Las Américas, Funalfa, Nankin Editorial, 2004): “Gerenciamento antiestresse”, “Náufrago”, “Castanho”, “O sacrifício”, “Mãe”, “Pai”, “Prometeu”;

Baque (São Paulo: Editora 34, 2007): “O quarto”, “Quando o amor recupera a visão”;

Treme ainda (São Paulo: Editora 34, 2015): “Estilo”, “Hibisco”, “Domingo”, “O céu que nos protege”, “Prazer”, “Na padaria”, “Master chef”;

Falso trajeto (São Paulo: Editora Patuá, 2016): “A parte podre”.